



**A CRÍTICA DE RICHARD RORTY À EPISTEMOLOGIA NA OBRA *PHILOSOPHY AND
THE MIRROR OF NATURE***

*Allyson Pereira de Almeida¹
Eleonoura Enoque da Silva²*

RESUMO: O propósito deste artigo consiste em expor e desenvolver a crítica feita por Richard Rorty à epistemologia. Para isso, iremos nos valer dos principais argumentos presentes em sua obra *Philosophy and the Mirror of Nature* (1979). Dado esses pressupostos, propomos dividir este trabalho em três partes. A primeira consiste em apresentar as principais ideias contidas na obra publicada em 1979. A segunda, no que lhe concerne, mostrará a relação de proximidade existente entre o problema do dualismo substancial – a relação entre o corpo e a mente – e o problema epistemológico. Ao fazermos isso, veremos como as limitações do primeiro, conforme ele, foram responsáveis pelas limitações do segundo, em estreita conexão. Por fim, após seguirmos este percurso, no terceiro momento, entenderemos a importância da crítica de Rorty, antepondo a isso o desenvolvimento propiciado pela virada pragmático-linguística, bem como pelas suas principais discussões.

Palavras-chave: Linguagem; Epistemologia; Retórica; Crítica; Reduccionismo.

ABSTRACT: The purpose of this article is to expose and develop Richard Rorty's critique of epistemology. For this, we will use the main arguments present in his work *Philosophy and the Mirror of Nature* (1979). Given these assumptions, we propose to divide this work into three parts. The first consists of presenting the main ideas contained in the work published in 1979. The second, as far as it is concerned, will show the close relationship between the problem of substantial dualism – the relationship between body and mind – and the epistemological problem. As we do this, we will see how the limitations of the first, as he said, were responsible for the limitations of the second, in close connection. Finally, after following this path, in the third moment, we will understand the importance of Rorty's critique, putting before it the development provided by the pragmatic-linguistic turn, as well as by its main discussions.

Keywords: Language; Epistemology; Rhetoric; Criticism; reductionism.

¹ Professor Substituto da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Filosofia (UFRRJ) com especialização *latu sensu* no Ensino de Filosofia pela Faculdade Dom Alberto (FDA-RS). Membro do GEPIFKI (UFU/CNPq) voltado à pesquisa intitulada por Kant e o Idealismo Alemão. É Bacharel em Filosofia (UNICAP) e, atualmente, cursa licenciatura em filosofia (UNICAP). E-mail: allyson171196@gmail.com

² Doutora em Filosofia e Professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: eleonoura.silva@unicap.br





INTRODUÇÃO

A retórica constitui um dos principais elementos presentes na construção de uma argumentação. Sendo assim, o resultado a que se destina uma argumentação dependerá estritamente da capacidade de saber utilizar os elementos, as figuras e os instrumentos disponibilizados por este saber. O primeiro filósofo a mapear o modo como se dá a sua construção foi Aristóteles. Em sua obra *Retórica*, encontramos a exposição e o desenvolvimento dos conceitos que compõem esta ciência da persuasão e do convencimento. Vale salientar ainda que ele apresenta uma arquitetônica retórica no intuito de examinar os tipos argumentos existentes e analisar a composição de cada um deles a fim de identificar as figuras de linguagem, sons e pensamentos no desejo de orientar o leitor de modo a se deixar instruir por esta forma de conhecimento e de apreensão do mundo. Dito de outra forma, o filósofo discute sobre os principais componentes encontrados em todos os discursos cujo intuito consiste em defender uma tese, isto é, uma ideia principal. Nesse sentido, pode-se dizer que este saber teórico possui uma aplicabilidade na *práxis* humana essencial, podendo ser encontrado nas mais variadas formas de discursos utilizados pelos indivíduos.

Dado essa aquisição, a tarefa de uma exegese analítica em qualquer pensamento ou contribuição filosófica se torna possível, não se esquecendo, todavia, da possibilidade de serem encontradas dificuldades durante o intermédio deste projeto. Sendo assim, considerando o desenvolvimento da História da Filosofia e as suas principais características, propomos, neste trabalho, uma análise de cunho teórico centrada nas contribuições oferecidas pelo filósofo estadunidense Richard Rorty (1931-2007). Como veremos, a finalidade de suas colaborações consistiu em, tendo por base a corrente pragmática onde ele se inseriu, refletir sobre o verdadeiro espaço concernente ao saber filosófico que, para ele, ocupou-se por muito tempo com questões de aspecto epistemológico, isto é, questões em torno do conhecimento. Entretanto, mediante uma crítica àquilo que assumiu, sob tese do reducionismo, a filosofia ser entendida apenas como teoria do conhecimento, Rorty



conseguirá inserir uma reflexão necessária neste saber de modo a elevá-lo ao seu lugar ideal, a saber, o campo político-social. Reiteramos que a proposta de uma ideia de progresso, aqui utilizada de modo subjacente, foi mencionada com base na argumentação proposta pelo próprio autor. Portanto, para alcançar essa finalidade, ele irá propor uma investigação centrada na linguagem a fim de solucionar o simplismo que levou à filosofia tratar meramente de questões epistêmicas.

Quanto ao desenvolvimento deste artigo, propõe-se como objetivo o alcance de duas finalidades. A primeira consiste na tentativa de expor a contribuição, dada por Rorty, à Filosofia da Linguagem no desejo de identificar a sua crítica à epistemologia. Para atingirmos essa intenção, é necessário delinear um caminho reflexivo composto por três propósitos principais. O primeiro partirá de uma breve exposição geral da obra que utilizaremos como eixo norteador, a saber, *Philosophy and the Mirror of Nature* (1979). O segundo desenvolverá uma análise crítico-argumentativa de sua posição frente ao dualismo corporeamente trazido pelo pensamento cartesiano, bem como da ideia que ele postulou sobre o conhecimento como representações mentais. Por fim, destacaremos a ligação existente entre a crítica ao dualismo e a crítica à epistemologia no intuito de evidenciarmos o papel atribuído por ele à linguagem. Esta será a primeira parte em que este trabalho será dividido. Num segundo momento, iremos permitir, mediante o instrumento retórico, uma breve exposição dos diálogos traçados entre Rorty e os autores tradicionalistas, especialmente o filósofo alemão Immanuel Kant. O propósito desta reflexão consistirá em mostrar, a partir da retórica, o modo como o nosso autor expõe o pensamento dos autores já referenciados de modo a criticá-los e elogiá-los. No que lhe concerne, esta seção admitirá duas subdivisões. Enquanto a primeira buscará expor a forma como Rorty desenvolve essas discussões, a segunda apresentará sua crítica às premissas centrais por ele referenciadas. No intermédio dessas análises, destacaremos o modo como os instrumentos retórico-aristotélicos permitem a realização das finalidades às quais ele propõe alcançar. É por isso se faz necessário esta exposição detalhada, pois acreditamos que ela favorecerá tanto o intuito desta discussão como o esclarecimento dos objetivos propostos. Portanto, oferecemos ao leitor um breve



resumo da tarefa que desenvolveremos ao longo deste artigo, buscando destacar os principais pontos a serem abordados.

1 ASPECTOS GERAIS DO PENSAMENTO DE RICHARD RORTY NA OBRA A FILOSOFIA E O ESPELHO DA NATUREZA

O pensamento de Richard Rorty é produto de uma vasta bibliografia. Entretanto, por questões metodológicas, para compreender as principais discussões tratadas por ele, destacamos três obras principais, a saber, *The Linguist Turn* (1967), *Philosophy and the Mirror of Nature* (1979) e *Consequences of Pragmatism* (1982).³ Reiteramos que, através delas, o leitor poderá obter uma apreensão geral das questões trabalhadas por ele. Na primeira obra, o filósofo propõe refletir sobre os efeitos que a virada pragmático-linguística trouxe para a sociedade contemporânea.⁴ Anteposto a isso, é necessário considerarmos a influência oriunda da sua apropriação do pensamento de Wittgenstein, principalmente das noções trabalhadas em seu *Tractatus Logico-Philosophicus* (1922). Na segunda, por sua vez, partindo do diálogo com a tradição, Rorty discorre sobre o erro existente na tentativa de reduzir a filosofia à epistemologia. É aqui onde ele nos oferece um ponto de apoio necessário de modo a desenvolver, em sua perspectiva, os verdadeiros problemas concernentes a este saber. Paralelo a isso, percebe-se ainda os principais passos utilizados em seu método investigativo de análise, a saber, a identificação do problema e dos principais autores que fizeram o seu uso, a afirmação crítica buscando apontar o erro desse problema e, por fim, a proposta de uma solução para ele. Como consequência desta argumentação, na

³ Devido à vasta produção bibliográfica de Rorty, optamos por dividir a sua filosofia em duas fases. São elas: a sua preocupação com as questões analítico-linguísticas, num primeiro momento, e a sua reflexão de cunho prático-social, num segundo momento. Ainda, ao assumir a posição 1, ele propõe desmistificar a visão reducionista de que o papel da filosofia seria apenas tratar de questões epistêmicas, ao passo que, ao se encontrar na posição 2, tendo uma vez esclarecido o conflito anterior, o autor propõe discutir sobre as verdadeiras questões concernentes ao pensamento filosófico. Contudo, para alcançarmos os objetivos deste artigo, tomaremos como base a primeira fase do seu pensamento.

⁴ Pensar na sociedade contemporânea, é pensar numa descentralização da cultura europeia mediante a possibilidade da ascensão de novas culturas autônomas. Sendo assim, através deste pressuposto, destaca-se a existência de uma mudança paradigmática – valendo-se da expressão utilizada por Thomas Kuhn em sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962) – se compararmos com outros períodos históricos. Ainda, dado esses acontecimentos, essa nova sociedade pôde vivenciar uma nova forma de ver, entender e resolver os problemas sociais mediante a inserção da linguagem. Portanto, a virada pragmático-linguística possui, sem dúvidas, um papel preponderante de modo a servir de base para o ser humano contemporâneo.



terceira obra ele propõe direcionar o saber filosófico para o campo político-social, especialmente por acreditar que lhe compete tratar dessas questões. Isso se justifica principalmente devido à influência herdada pela corrente pragmática cuja origem se deu nos Estados Unidos.⁵ Em síntese, apresentamos um breve resumo esquemático de suas principais discussões, pois isso é percebido mediante a análise dos seus argumentos centrais. Delimitando a nossa tarefa, para um melhor aprofundamento, iremos trabalhar especificamente com a publicação de 1979 na tentativa de alcançar os objetivos propostos.

Com base no instrumento retórico permitido pela relação do par metafórico-conceitual “figura-fundo”, é necessário situarmos a filosofia de Rorty no tempo e na história, pois, como sabemos, o contexto histórico exerce grande influência no modo como um pensador elabora as suas críticas, considerações e elogios. Devido a isso, quando nos voltamos à virada pragmático-linguística (século XX) situada na contemporaneidade, encontramos a base para entendermos melhor a totalidade das reflexões propostas por ele. Como consequência, através disso, destacamos que uma de suas principais características consiste na utilização do instrumento dialógico. Dito de outra forma, Rorty se vale de premissas contidas no pensamento de autores anteriores e contemporâneos a ele, seja para elogia-los, seja para apresentar os seus limites de modo a alcançar os seus propósitos.⁶ Se, por um lado, destacamos este pressuposto, por outro evidenciamos que essa característica se justifica com base no modo como se desenvolve a sua argumentação. Sendo assim, valendo-se mais uma vez da metáfora exposta acima, podemos dizer que a percepção do contexto histórico onde se constitui o seu procedimento investigativo é um dos principais

⁵ Para evidenciar a presença instrumentos retóricos nesta argumentação, podemos citar, como exemplo, as discordâncias existentes entre o fato de Rorty não mencionar, diretamente, o pertencimento à corrente pragmática cuja origem se deu nos Estados Unidos e a razão dos principais autores que com ele dialoga atribuírem a sua inserção nesta corrente filosófica. Isso se justifica especialmente devido ao modo como ele constitui o seu pensamento. Sendo assim, em oposição às anteriores, especialmente o idealismo, o pragmatismo afirma, dentre outras premissas, a necessidade de considerar a validade de uma doutrina mediante a totalidade propiciada pelo seu bom desenvolvimento prático, pressuposto utilizado pelo autor em parte da sua filosofia. Paralelo a isso, como principais expoentes dessa corrente de pensamento, podemos citar William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952). No decurso de sua argumentação, sob viés retórico, Rorty irá se valer das contribuições dadas por esses pensadores no intuito de favorecer um diálogo crítico-reflexivo de modo a buscar problematizar as questões contemporâneas com as quais o saber filosófico deve lidar.

⁶ É necessário destacarmos, todavia, que o diálogo com diversos autores tem por intuito favorecer o desenvolvimento da argumentação proposta por Rorty. Assim, veremos que tanto os pontos discordantes quanto os pontos relacionáveis serão evidenciados por ele, pois este pressuposto faz parte do seu método investigativo de análise.



fundamentos para a constituição de sua arquetônica. Por questões sistemáticas, devemos dividir os autores nos quais o filósofo estadunidense faz referência em dois grandes grupos. O primeiro grupo, constituído por aqueles que denominaremos tradicionalistas, envolve os expoentes da História da Filosofia. Ao evidenciarmos esses pensadores destaca-se que, uma vez influenciado pelas mudanças históricas de sua época, Rorty tende a criticá-los, pois, para ele, é necessário destacar o reducionismo do papel da filosofia, apontado na modernidade, a fim de que ela possa perceber o seu verdadeiro espaço de discussão. Entretanto, o emprego dessa crítica ocorre sob viés retórico porque tanto o elogio a esses autores quanto a tentativa de superá-los se fazem presentes concomitantemente. Assim, exemplificando, podemos mencionar como exemplos aqui, em ordem cronológica, René Descartes, John Locke e, de forma especial, Immanuel Kant.

Em contrapartida, no segundo grupo, são apresentados autores mais recentes e, para a melhor compreensão da argumentação desenvolvida por Rorty, devem ser subdivididos em dois grupos. Por um lado, encontram-se os pensadores que tentam, mediante o recurso à Filosofia da Linguagem, manter viva a tradição epistêmica no desejo de mostrar que os atuais problemas linguísticos possuem, na verdade, um fundamento epistemológico. Nesse sentido, podemos citar como exemplo Bertrand Russell, Carnap, Quine e Frege. Por outro, opondo-se a eles, inserem-se autores que, deixando à parte essa visão, propõem elevar o uso da linguagem de modo a ocupar o seu devido lugar como, por exemplo, Donald Davidson, Putnam e Wittgenstein. Destacamos, especialmente, a importância do pensamento de Wittgenstein, pois ele serviu de base tanto para o contexto da virada pragmático-linguística quanto àqueles que aderiram aos postulados propiciados por ela. Assim, com base nesses e em outros pensadores, percebemos que o filósofo estadunidense estabelece um amplo diálogo, utilizando-se dos mais variados instrumentos retórico-argumentativos. Nesse intermédio, deve-se destacar ainda o recurso, feito por ele, a deduções e entimemas, análises comparativas entre teorias e outros elementos, pois isso permitirá, ao leitor, ser conduzido por essa discussão, bem como pelo seu propósito.

Utilizando-se, mais uma vez, da figura de linguagem denominada metáfora, podemos perceber a presença deste instrumento retórico já no título da obra que iremos trabalhar, a



saber, *The Philosophy and the Mirror of Nature*.⁷ Fazendo uma breve comparação, em diálogo com a tradição, Rorty nos mostra que a noção de conhecimento verdadeiro perdurou, por muito tempo, mediante a possibilidade de representar a realidade. Para discorrer sobre essa ideia, o filósofo estadunidense apresenta a Tese do Representacionismo. Ao fazer o recurso desse instrumento, ele afirma que a filosofia tradicionalista buscou reduzir todos os problemas a dois grandes grupos de questões, a saber, o aspecto epistêmico e o problema da mente. A tese que exemplifica essa sua conclusão, exposta ainda na introdução da obra e obtida com base numa dedução argumentativa, parte da seguinte afirmação: “conhecer é representar com precisão o que está fora da mente; portanto, compreender a possibilidade e a natureza do conhecimento é compreender a maneira pela qual a mente é capaz de construir tais representações” (1980, p. 3).⁸ Como percebemos, para ele, parte da filosofia foi restringida a uma teoria do conhecimento e da representação. Uma vez detectando essa questão, e valendo-se de sua característica dialógica, o próximo passo em sua investigação consiste em encontrar a origem desses problemas. Para isso, após uma breve reflexão, Rorty irá retornar ao período moderno, especificamente às discussões expostas por autores como Descartes, Locke e Immanuel Kant: “o resultado foi que quanto mais ‘científica’ e ‘rigorosa’ a filosofia se tornava, menos tinha a ver com o resto da cultura e mais absurdas pareciam suas pretensões tradicionais” (Ibidem). Por fim, dado esses elementos, para compreender o modo como se desenvolve o seu método, resta-nos ainda evidenciar a sua tentativa de propor uma solução para essas limitações expostas. Sendo assim, em contrapartida, o filósofo estadunidense encontrará no pensamento de Wittgenstein, Heidegger e Dewey, o alicerce necessário para tentar elevar a filosofia de

⁷ O uso da metáfora contida no título da obra pode ser explicado, para Rorty, no sentido de que, uma vez que a mente foi utilizada pelos autores tradicionalistas como suporte argumentativo para criar representações verdadeiras sobre o mundo, a filosofia passou a ter o seu papel restringido a este “espelho”. Dado essa discussão, percebemos que a principal finalidade do espelho mental consistia em representar a natureza ou, dito de outra forma, fornecer uma explicação para as questões em torno do conhecimento e da apreensão do mundo. Vale salientar ainda que essa figura de linguagem é uma das mais usadas pelo autor e a sua função consiste em desmistificar, por um lado, os postulados postos pela tradição e, por outro, criticar os sistemas unificadores de pensamento cujo fundamento se dá nessas condições.

⁸ RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*. 2ª ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1980.



modo a ocupar o seu verdadeiro espaço de discussão.⁹ Em síntese, expomos brevemente o caminho metodológico percorrido pelo autor e, ao fazermos isso, iremos agora discorrer sobre as principais argumentações desenvolvidas ao longo de cada etapa.

Antes de expormos o caminho proposto pelo método investigativo de Rorty em sua publicação de 1979, é necessário destacarmos ainda a contribuição, dada pela obra, para o desenvolvimento da Filosofia Analítica. Isso se justifica mediante a premissa de que este procedimento se encontra, na verdade, envolvido por instrumentos analíticos, principalmente a discussão em torno de conceitos que servem de apoio para estruturar uma determinada forma de argumentação. Ao considerarmos essa afirmação, como consequência, entendemos a necessidade do autor de prestar esclarecimentos sobre os problemas trazidos pela tradição e denominados por ele de “pseudoproblemas”. Dito de outra forma, caberia à filosofia a tarefa de revelar os erros cometidos pelos autores tradicionalistas na discussão dessas questões e o ponto fundamental, identificado por ele, consiste numa análise lógica do uso da linguagem. Para alcançar essa finalidade, Rorty irá dialogar com inúmeros expoentes do campo da linguagem. Entre eles, podemos citar: Sellars, Quine, Davidson, Ryle, Putnam, entre outros. Contudo, neste intermédio, ele chegará à conclusão de que houve, na contemporaneidade, uma dialética responsável por transpor a filosofia da mente à filosofia da linguagem, e a epistemologia para uma ciência moderna. Como consequência, para ele, isso originou dois problemas, a saber, por um lado, o desejo de manter viva as questões epistêmicas e, por outro, a aplicação incorreta de conceitos analíticos fundamentados em pressupostos de uma tradição cuja base se dá no pensamento kantiano.¹⁰ Portanto, ao fazer referência ao dualismo obtido mediante um uso puro ou

⁹ Quanto à contribuição desses autores, para Rorty, que utiliza dos instrumentos retórico-argumentativos, Wittgenstein buscou construir uma nova teoria da representação sem o recurso do mentalismo, enquanto Heidegger introduziu, em sua filosofia, novas discussões sem a necessidade de um espelhamento mental. Percebamos o distanciamento, feito por esses filósofos, daquilo destacado pela Tese do Representacionismo. Por fim, Dewey propôs a tentativa de uma naturalização da história e das reflexões permitidas por ela. É, pois, mediante essa naturalização, cuja compreensão para o filósofo estadunidense não seria linear e sim curvilínea, que a humanidade poderia caminhar para o progresso, pressuposto admitido por muitos autores contemporâneos.

¹⁰ É importante reiterar ainda que, ao fazer o uso dos instrumentos retóricos, Rorty estabelecerá uma crítica à própria Filosofia Analítica, especialmente por consistir, segundo ele, numa extensão da filosofia kantiana: “a filosofia ‘analítica’ é mais uma variante da filosofia kantiana, uma variante marcada principalmente por pensar a representação como linguística em vez de mental” (1980, p. 8). Com base nesta afirmação, encontrada ainda no começo da obra, percebe-se que o autor propõe livrar o método analítico de incoerências antes de usá-lo como instrumento em sua investigação. Portanto, a partir da discussão em torno dos seus principais conceitos, ele *Revista Paranaense de Filosofia*, v. 1, n. 2, p. 242-259, Jul./Dez., 2021.



impuro da linguagem, nosso autor mostrará o erro que se comete ao reduzir o seu papel apenas a questões envolvendo a teoria do conhecimento e da mente.¹¹

Para iniciarmos a descrição da análise de cunho crítico realizada por Rorty é necessário, antes de tudo, expormos brevemente a divisão assumida pela obra. Sendo assim, por questões metodológicas, podemos dividi-la em três objetivos principais, valendo-se, para isso, das contribuições dadas anteriormente. O primeiro consiste no diálogo, traçado por ele, com a Filosofia da Mente a fim de identificar os seus erros, bem como critica-los e propor-lhes soluções. Através disso, nosso autor inicia uma discussão cujo intuito propõe mostrar, primeiramente, que as intuições antepostas ao dualismo cartesiano são históricas. Dito de outro modo, esses postulados serviram de base para toda uma tradição posterior a Descartes. Para alcançar essa finalidade, Rorty irá se valer de uma perspectiva não histórica no desejo de superar as contradições oriundas dessa forma de pensamento. Devido a isso, como consequência, destacamos o seu objetivo de evidenciar a necessidade de uma mudança de reflexão tendo como base a seguinte condicional: se os métodos psicológicos, baseados em teorias como a intencionalidade, por exemplo, dessem lugar aos procedimentos fisiológicos, segue-se que poderia haver uma mudança neste curso que gerou inúmeros problemas.¹² Ao fazermos isso, reiteramos que ele dialogará especialmente com o behaviorismo materialista no intuito de demonstrar a possibilidade de se compreender como ocorre o conhecimento humano somente a partir de estados físicos, abstraindo deles o conteúdo mental. Contudo, se por um lado aparentemente suas reflexões conseguiram resolver este problema, por outro ele constata a retomada desse mesmo pressuposto na epistemologia, ou na noção de uma filosofia reduzida à teoria do conhecimento. Portanto,

buscará mostrar um novo caminho para esta corrente de pensamento e de reflexão, incluindo-a no seu percurso trilhado ao longo da publicação de 1979.

¹¹ Sobre a relação existente entre os usos puro e impuro da linguagem, o que será posteriormente mais bem abordada, recomendamos como complemento a seguinte passagem – fazendo menção especificamente ao uso impuro, aspecto criticado pelo autor: “a segunda fonte para a filosofia da linguagem contemporânea é explicitamente epistemológica. A fonte dessa filosofia ‘impura’ da linguagem é a tentativa de manter a imagem da filosofia de Kant como fornecendo uma estrutura a-histórica permanente para a investigação na forma de uma teoria do conhecimento” (RORTY, 1980, p. 257).

¹² Vale salientar aqui que estamos utilizando um exemplo em particular no intuito de estabelecer a condicional, todavia, essa forma de construção argumentativa pode ser aplicada mediante outros exemplos particulares, desde que seguindo a mesma instrução trazida pela relação “figura-fundo” presente na retórica.



através dessa conclusão inicial, percebe-se que o filósofo estadunidense estabeleceu um ponto de partida fundamental para o desenvolvimento das seções posteriores.

Dado essa reflexão, na segunda parte da obra Rorty irá propor a tentativa de romper com essa visão reducionista do saber filosófico de modo a encontrar, através disso, métodos sucessores a ele. Para alcançar essa finalidade, o autor se valerá do diálogo com a tradição a fim de buscar a gênese histórica desse problema – o que remete ao dualismo cartesiano. Subjacente a essa discussão, é importante destacarmos como a sua inserção no pensamento pragmático, mediante o favorecimento ao uso puro da linguagem, será o caminho utilizado por ele no desejo de conceder um novo espaço e novas discussões para a filosofia. Por fim, na terceira parte ele busca, ao menos indiretamente, direciona-la para um novo espaço distinto daquele que foi tomado pelo curso histórico do pensamento. Reiteramos que essa discussão será mais bem desenvolvida em sua obra *Consequences of Pragmatism* cuja primeira publicação se deu no ano de 1982. Em síntese, oferecemos um breve resumo do caminho percorrido pelo autor no intuito de possibilitar, com base nos recursos retóricos, um desenvolvimento mais coerente dos seus argumentos. Como sabemos, dado o seu método de investigação, antes de discutir algo Rorty apresenta as conclusões até então afirmadas sob preceitos de “clareza” e de “distinção” – termos pertencentes à filosofia cartesiana e empregados aqui com o propósito de destacar o aspecto dialógico que caracteriza o seu pensamento.

Nossa classificação, sem hesitação, sugere que não apenas temos uma intuição clara do que é “mentalidade”, mas que tem algo a ver com a não espacialidade e com a noção de que, mesmo se o corpo fosse destruído, as entidades ou estados mentais poderiam de alguma forma permanecer. Mesmo se descartarmos a noção de “substância mental”, mesmo se abandonarmos a noção de *res cogitans* como sujeito de predicação, parecemos capazes de distinguir a mente do corpo e, no entanto, fazer isso de uma forma mais ou menos cartesiana. Essas supostas intuições servem para manter vivo algo como o dualismo cartesiano (RORTY, 1980, p. 17).

Para Rorty, a raiz histórica que fundamenta parte das correntes psicológicas encontra-se no dualismo cartesiano e remete-se a obras como *Meditações Metafísicas* (1641) ou *Discurso do Método* (1637). Através desse fundamento, correntes como o



behaviorismo psicológico ou até mesmo a intencionalidade, por exemplo, encontram uma forma de pensamento cuja atribuição ao ser humano se dá mediante a composição de duas substâncias distintas entre si, a saber, o corpo (*res extensa*) e a mente (*res cogitans*). Enquanto a primeira possui como características principais a multiplicidade, a materialidade e a corruptibilidade, para a segunda podemos destacar a unidade, a imaterialidade e a incorruptibilidade. Sendo assim, sob esta perspectiva, a mente, substância não espacial, reproduz a verdade sobre o corpo, substância espacial – isso conforme a leitura feita por ele. Em continuidade, partindo do seu método investigativo, ele irá retroceder especialmente ao pensamento platônico na tentativa de mostrar a sua influência para a filosofia cartesiana. Ao fazer isso, e considerando a utilização do viés analítico, ele discorrerá ainda sobre uma questão amplamente debatida em parte da filosofia e que possui o seu fundamento nesta forma de dualismo explicativo presente na história desde a antiguidade, a saber, o desejo de uma apreensão dos universais. Com isso, a fim de oferecer uma contribuição para esses problemas, o filósofo estadunidense discorrerá sobre o par conceitual universais/particulares, questão que perdurou muito tempo no curso histórico – e inclusive continua em aberto na contemporaneidade. Portanto, após propor uma solução provisória para isto, Rorty conseguirá mais um ponto de apoio necessário para o desenvolvimento posterior de sua crítica à epistemologia – considerando que essa discussão se conecta diretamente com o problema posto pelos autores tradicionalistas.

No que concerne às teorias psicológicas, além de se basearem na distinção proposta pelo dualismo entre a imortalidade da alma, criando uma espécie de “essência especular” do mundo, e a corruptibilidade do corpo, parte dessas correntes estão inseridas na Filosofia da Mente. Devido a isso, como consequência, tendem a utilizar as discussões postas pelo dualismo no desejo de criarem uma espécie de espelhamento mental na realidade, estabelecendo uma visão retilínea inclusive da própria noção de verdade. Com base nessas considerações, Rorty levanta o seu questionamento e enaltece a sua crítica se posicionando contra essa forma de compreensão e no intuito de mostrar como é necessário entender, sob nova perspectiva, essa abordagem: “uma nova distinção corpo-mente era necessária – aquela que chamamos de ‘entre a consciência e o que não é consciência’ (...). Era mais uma



distinção entre dois mundos do que uma distinção entre dois lados, ou mesmo partes, de um ser humano” (1980, pp. 51-2). Dado o recurso ao método analítico, após a identificação e a crítica desses problemas, o próximo passo para Rorty consistirá em oferecer uma resposta. Assim, é quando se volta para o ser humano que ele percebe a possibilidade de compreender, partindo do próprio indivíduo, a distinção existente não mais entre duas substâncias aparentemente diferentes e sim, entre duas faces que constitui o ser humano em unidade.¹³ De forma resumida, acreditamos que esses apontamentos nos permitem entender, brevemente, os propósitos abordados pelo autor ao longo das duas seções iniciais presentes na obra publicada em 1979.

2 A CRÍTICA DE RORTY À EPISTEMOLOGIA E A SUA ANÁLISE DA FILOSOFIA KANTIANA: A IDENTIFICAÇÃO DO REDUACIONISMO

Na continuidade da discussão, Rorty inicia uma reflexão no intuito de mostrar como esses problemas influenciaram o desenvolvimento epistemológico que, entre as suas

¹³ Devido ao seu aspecto dialógico, podemos afirmar que, através de nossas pesquisas, Rorty pode ter utilizado, ao menos indiretamente, a mesma argumentação elaborada por Kant em sua primeira *Crítica* (1781) ao discorrer sobre o dualismo existente entre o mundo sensível e o mundo inteligível que constitui o agente racional. Assim, para sintetizarmos essa reflexão, tomaremos como base a seguinte obra: KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad.: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 8ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. É na segunda parte da *Lógica Transcendental*, a saber, a *Dialética Transcendental* (A293 / B350), onde o filósofo alemão irá refletir sobre o conflito existente entre as ideias da razão pura. São elas: a ideia de alma, cuja discussão se dá através de uma psicologia racional, a ideia de mundo, desenvolvida mediante uma cosmologia racional e a ideia de Deus, cuja base se dá através da teologia racional (A334 / B391). Quando particularizar a ideia de mundo e apresentar as antinomias existentes, entendidas por ele como “conflito entre leis” (A407 / B434), Kant discorrerá, de maneira especial para a nossa argumentação, sobre o III Conflito das Ideias Transcendentais (A444 / B472). Ao fazer isso, ele destacará sobretudo o conceito de liberdade transcendental a fim de solucionar a aparente contradição oriunda das afirmações expostas pela tese, defendida por racionalistas, e pela antítese, adotada por empiristas. Frente a isso, no desejo de mostrar a possibilidade de se pressupor, simultaneamente, tanto a noção de liberdade quanto o determinismo no mundo sensível, ele traça uma breve distinção existente entre o mundo sensível e o mundo empírico. O propósito dessa reflexão consistirá em romper com o dualismo e mostrar que ambas as noções podem compor o ser humano, desde que ele se reconheça como pertencente a um e, de certa forma, atuante no outro (A538 / B566). Portanto, através desta breve argumentação, e considerando a leitura que Rorty faz de Kant, podemos entender que houve a utilização desses pressupostos no intuito de propor, mediante o recurso retórico, uma solução para um dos problemas postos pelo dualismo, valendo-se inclusive das soluções dadas anteriormente por pensadores que se dedicaram ao desenvolvimento dos principais temas que constituem a Filosofia da Mente.

Reitera-se ainda que o modelo padrão adotado para a citação da *Crítica da Razão Pura* fará referência, primeiro, às iniciais da obra da versão portuguesa utilizada e, segundo, introduzirá as letras “A” e “B” fazendo menção, respectivamente, às edições de 1781 (1ª edição) e 1787 (2ª edição). Por questões metodológicas, optaremos por esse modelo de citação – especificamente para as obras de Kant.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 242-259, Jul./Dez., 2021.

ISSN: 2763-9657



principais finalidades, buscou reduzir a filosofia a uma teoria do conhecimento. Vale salientar aqui que este acolhimento da filosofia como ciência só foi possível após certo enfraquecimento dos pressupostos hegelianos, pois isso possibilitou a retomada por um grupo de autores aos fundamentos expostos no pensamento kantiano, historicamente destacando. Dito de outra forma, mediante uma analogia crítica, devemos entender que o hegelianismo ofereceu como pressuposto a necessidade de considerar a filosofia como uma disciplina abrangente, base para as demais disciplinas, todavia, com a influência exercida pelo pensamento kantiano na modernidade, Rorty destaca a presença de certa restrição em sua capacidade. Ainda, para ele, é fato que a “invenção” da mente por Descartes permitiu à ciência a saída do campo da *doxa* e a busca de um espaço para certezas, em termos cartesianos, claras e distintas. Contudo, ao ir além do mundo sensível, a ciência novamente retrocedeu àquilo expresso pela tese representacionista. Como exemplo, o autor propõe oferece uma leitura do pensamento de John Locke. Ao fazer isso, o filósofo estadunidense nos mostra que o desejo do expoente do empirismo de partir na busca por uma investigação em torno do conhecimento utilizou como fundamento a própria mente, tida por ele como “tábula rasa”, na tentativa de uma apreensão do mundo. Por fim, através dessa leitura, percebe-se que a origem da Teoria do Conhecimento moderna trouxe consigo os mesmos pressupostos discutidos pela Filosofia da Mente, entretanto, sob o recurso de um uso linguagem limitado apenas a esses problemas.

Existem duas fontes para a disciplina atualmente chamada de “filosofia da linguagem”. Uma é o conjunto de problemas apontados por Frege e discutidos, por exemplo, por Wittgenstein no *Tractatus* e por Carnap em *Significado e Necessidade*. Estes são problemas (...) pelos quais noções como “verdade”, “significado”, “necessidade” e “nome” se encaixam. Chamarei esse conjunto de problemas de assunto da filosofia “pura” da linguagem - uma disciplina que não tem *parti pris* epistemológica, nem, na verdade, qualquer relevância para a maioria das preocupações tradicionais da filosofia moderna (...). A segunda fonte para a filosofia da linguagem contemporânea é explicitamente epistemológica. A fonte dessa filosofia da linguagem “impura” é a tentativa de manter a imagem da filosofia de Kant como fornecendo uma estrutura a-histórica permanente para a investigação na forma de uma teoria do conhecimento (RORTY, 1980, p. 257).

Após detectar o problema, a sua origem e os seus principais expoentes, Rorty levanta a possibilidade e a importância de discutir sobre a questão epistemológica a fim de oferecer



uma resposta, mesmo que provisória, aos limites por ele detectados. Devido a isso, uma vez considerando elementos contidos na psicologia empírica e na filosofia da linguagem, ele inicia a uma dedução cujo intuito consiste em fazer uma distinção e um esclarecimento entre os dois modos de utilizar a linguagem, considerando, para isso, premissas utilizadas por pensadores que recorrem a esses instrumentos em suas discussões. Reiteramos ainda que, uma vez influenciado pela corrente pragmática, essa divisão poderá ser mais bem fundamentada no caminho percorrido por ele. Sendo assim, se por um lado houve autores contemporâneos que propuseram, direta ou indiretamente, uma redução no seu uso de modo a tratar de pseudoproblemas epistêmicos, por outro percebe-se, através de um grupo de pensadores distinto do anterior, a tentativa de atribuir-lhe um espaço legítimo. Para compreendermos melhor essa divisão, é necessário considerarmos a citação exposta acima. Ao fazermos isso, e acrescentando ainda as discussões já colocadas, conclui-se que à primeira forma de entende-la nosso autor denominou de “uso impuro da linguagem”. A sua principal característica, de acordo com ele, consiste na tentativa de manter vivo o modelo de argumento utilizado pela tradição e, de forma especial, as premissas e os conceitos fundamentados na filosofia kantiana. Como exemplo, podemos citar as contribuições dadas por Bertrand Russell. Opondo-se a isso – e criticando o pensamento de Kant –, Rorty mostra a necessidade de atribuir um novo espaço à linguagem mediante o recurso ao seu “uso puro”. Para ele, os principais representantes deste trabalho foram Wittgenstein e Donald Davidson. Portanto, mediante o emprego de instrumentos retóricos, e após fundamentar as premissas de um argumento crítico-comparativo, ele irá concluir a sua dedução mostrando a necessidade de deixar à parte o uso impuro e alcançar o seu uso puro. Este pressuposto é fundamental, pois servirá como recurso para legitimar, na terceira seção de sua obra e em obras posteriores, o verdadeiro campo de atuação do saber filosófico.

Tendo uma vez compreendido o modo como se desenvolve a crítica de Rorty à epistemologia, o próximo passo em nossa discussão consiste em descrever, brevemente, a sua leitura do pensamento kantiano. Para alcançarmos essa finalidade, iremos considerar algumas passagens tidas como essenciais. É importante destacarmos este pressuposto, pois, se tomarmos como base os instrumentos retóricos utilizados por ele, veremos que a sua



interpretação da filosofia kantiana consiste em destacar os elementos e conceitos necessários para favorecer tanto o seu argumento quanto o desenvolvimento da sua crítica. Neste intermédio, é importante reiterarmos ainda que não é necessário a concordância entre a sua leitura e a interpretação feita por outros autores que remetem à filosofia de Kant, especialmente porque o modo de construção dessas argumentações difere para cada indivíduo em particular. Entretanto, as suas pretensões, por serem bem justificadas e construídas, ajudam no convencimento e na transmissão dos objetivos propostos por ele. A primeira menção feita ao filósofo alemão encontra-se já na introdução à obra de 1979. Aqui, mediante uma análise comparativa, nosso autor destaca que o problema do reducionismo recorre, dentre outras contribuições, às reflexões kantianas, especialmente à “noção de filosofia como um tribunal da razão pura, sustentando ou negando as reivindicações do resto da cultura” (1980, p. 4).¹⁴ Na continuidade, o seu desejo de dissertar sobre o fundamento oferecido por Kant para os tradicionalistas consiste em mostrar, na contemporaneidade, a tentativa de determinados autores manterem viva essa forma de pensamento, todavia, sob novos pressupostos. Contudo, se por um lado ele apresenta esta limitação, por outro evidencia a própria solução.¹⁵ Portanto, dado essa análise inicial, Rorty mostra que esta forma de argumentação acabou reduzindo o papel atribuído à filosofia da linguagem, restringindo, por consequência, ao seu uso impuro ligado apenas ao trato de questões epistêmicas, de pseudoproblemas.

¹⁴ Esta asserção pode ser encontrada na primeira *Crítica*, no Prefácio à Primeira Edição, em AXII e AXII, N.T. De acordo com a interpretação de Rorty, Kant se apropriou tanto do dualismo cartesiano, especialmente no papel da mente enquanto instrumento necessário para construir uma representação verdadeira do mundo, quanto das reflexões dispostas por Locke no estudo sobre a questão epistêmica. Como consequência, esses pressupostos ocasionaram a redução da filosofia a uma teoria do conhecimento. Assim, ao postular um tribunal da razão pura no intuito de investigar suas condições de possibilidades e limites, o pensador alemão estaria se desprendendo dos demais problemas existentes e reduzindo, na perspectiva do autor, o papel do saber filosófico. Dito de outra forma, haveria em Kant uma síntese de todos os saberes apenas à epistemologia, de modo que as demais reflexões seriam apenas uma extensão do uso teórico da razão. Vale salientar ainda que Rorty irá manter essa tese no decorrer de sua obra a fim de buscar um esclarecimento sobre essas questões. Portanto, ao mencionar autores como Wittgenstein e Dewey, por exemplo, o filósofo estadunidense irá nos mostrar como eles conseguiram abdicar da tese de uma essência especular do mundo e, através disso, buscar novos fundamentos e discussões.

¹⁵ Entre os principais elementos que contribuíram para essa conclusão, podemos citar as reflexões heideggerianas cujo intuito consistiu, dentre outras finalidades, em propor novas discussões indo além da ciência ou da epistemologia. Paralelo a isso, destacamos ainda os pressupostos trazidos pelo pensamento de Wittgenstein e, por fim, a mudança paradigmática ocasionada pela virada pragmático-linguística e pelos seus principais adeptos. Revista Paranaense de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 242-259, Jul./Dez., 2021.



Paralelo a essa discussão, Rorty oferece um breve resumo dos conteúdos abordados por Kant em sua primeira *Crítica*. Como sabemos, o objetivo desta obra consiste em responder ao seguinte questionamento: “o que posso conhecer?”. Esta reflexão pode ser encontrada no Cânone da Razão Pura,¹⁶ segundo capítulo da *Doutrina Transcendental do Método*. Partindo desse pressuposto, o filósofo alemão propõe estabelecer um caminho seguro para o conhecimento mediante dois troncos, a saber, a sensibilidade e o entendimento.¹⁷ Enquanto o primeiro tem por intuito fornecer a matéria epistêmica mediante as intuições puras de espaço e tempo, a segunda faculdade oferece as categorias cuja finalidade consiste em organizar os dados fornecidos pelas intuições sensíveis a fim de que o *Eu Penso*, a partir de uma *Apercepção Transcendental*, possa realizar uma síntese e transformar tudo em conhecimento. De forma resumida, este é um breve mapeamento esquemático do caminho epistemológico percorrido por Kant. Ainda, devemos lembrar que este conhecimento só é possível através da necessidade de as ciências analisadas por ele, a saber, a matemática e a física, emitirem juízos sintéticos *a priori*.¹⁸ Para alcançar essa finalidade, o filósofo alemão instaurou uma Revolução Copernicana na filosofia¹⁹ mediante a inserção do conceito transcendental, o que impossibilitou a metafísica geral de trilhar a via segura da ciência. Reiteramos ainda a necessidade do autor de um diálogo com a tradição de modo a encontrar o fundamento para desenvolver o seu método epistêmico.²⁰

Utilizando-se desta argumentação, Rorty irá nos mostrar que o filósofo alemão fez um recurso à mente a fim de fundamentar os seus principais conceitos, especialmente a noção de *a priori*. Ao constatar isso, nosso autor encontrou neste pensamento tanto a presença de uma redução do papel da filosofia apenas ao trato de questões epistêmicas quanto o retorno de pressupostos do dualismo cartesiano no intuito de estabelecer uma distinção existente entre o fenômeno e a coisa em si, distinção essa que limita a capacidade cognoscente do sujeito na perspectiva kantiana: “Kant colocou a filosofia ‘no caminho seguro de uma ciência’, colocando o espaço exterior dentro do espaço interior (...) e, em seguida,

¹⁶ CRP, A805 / B833ss.

¹⁷ *Idem*, A15 / B29.

¹⁸ *Idem*, B15-8 (Introdução da CRP).

¹⁹ CRP, BII (Prefácio à 2ª edição, 1787).

²⁰ *Idem*, B25 (Introdução da obra).



reivindicando a certeza cartesiana sobre o interior para as leis do que antes se pensava ser exterior” (1980, p. 137). Ainda, para ele, esses pressupostos foram estreitamente aceitos inclusive após a virada pragmático-linguística de modo que autores como Russell, Frege, Carnap e Quine, remeteram-se ao pensamento de Kant, bem como à sua redutibilidade epistêmica, no desejo de trazer as mesmas discussões para a contemporaneidade, empregando, todavia, uma “nova roupagem” (utilizando uma expressão metafórica). Assim, uma vez se posicionando contra esta forma de interpretação, após a sua leitura, Rorty irá criticar esse uso impuro da linguagem mediante o estabelecimento de uma crítica tanto a Kant quanto a uma tradição de pensamento que seguiu, conforme ele, apenas esta linha de reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma análise detalhada sobre os principais argumentos utilizados por Richard Rorty em sua obra *The Philosophy and the Mirror of Nature* e, em especial, de sua crítica à epistemologia, elencaremos os pontos conclusivos desta pesquisa. O primeiro nos mostrou a importância de traçar um diálogo com outros autores que defendem a mesma tese, todavia, sob premissas diferentes. Isso se justifica mediante o desejo de postular um novo pensamento. Como consequência, dado este aspecto, foi propiciado uma análise das leituras traçadas pelo autor com inúmeros pensadores. Na continuidade, destacou-se ainda a necessidade de buscar, no tocante ao desenvolvimento de conceitos, uma gênese histórica que permita, por um lado, perceber o modo como eles eram empregados e, por outro, detectar as incoerências e, conseqüentemente, os seus limites. Por fim, evidenciamos que, embora busque certo rompimento com a tradição histórica, Rorty é levado diretamente ao encontro com ela, mesmo que este encontro seja proposital para fundamentar as suas críticas.

Com base nesses pressupostos, percebemos que este artigo mostrou a importância de desenvolver o instrumento analítico em textos filosóficos, o que é essencial para conhecer o pensamento de um autor, perceber os seus principais diálogos e, a partir disso,



buscou refletir sobre a capacidade crítico-reflexiva presente no pensamento filosófico. Portanto, entende-se que a retórica tanto propiciou a apreensão dessas capacidades quanto instruiu sobre a possibilidade de aceitar ou não as contribuições dadas por um autor, tendo como base o desejo de compreender a totalidade expressa no conjunto dos seus principais argumentos. Através desses apontamos, esperamos que o leitor tenha percebido a importância do pensamento de Richard Rorty na contemporaneidade, especialmente dentro do contexto da virada pragmático-linguística.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Retórica*. 2 ed. Trad.: Manoel Alexandre Jr. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- COPI, Irving Marmer. *Introdução à Lógica*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- COTTINGHAN, J. *Descartes: a filosofia da mente de Descartes*. Trad.: Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. 3º ed. Trad.: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1994.
- _____. *Discurso do Método*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2017.
- _____. *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto, 2016.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad.: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 8º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- _____. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* Trad.: Luiz Paulo Rouanet. Disponível em: < [https://www.airtonjo.com /download/Kant-Esclarecimento.pdf](https://www.airtonjo.com/download/Kant-Esclarecimento.pdf)>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2021.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*. 2º ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1980.



*A crítica de Richard Rorty à epistemologia na obra
Philosophy and the mirror of nature*

ALMEIDA, A. P.
DA SILVA, E. E.

_____. *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical Method*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

TOULMIN, S. *The Uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad.: Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3º ed. São Paulo: UNESP, 2001.

Recebido: 23/10/2021

Aprovado: 08/11/2021